



Detenções de activistas usadas “para atemorizar as pessoas”

Amílcar Correia

Inês Amaral Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra analisa a actual situação em Angola

O aumento dos combustíveis desencadeou uma greve dos taxistas, candongueiros de Luanda, que esteve na origem, pelo menos, de 22 mortos, 197 feridos e 1200 detenções na capital. As polícias têm vindo, entretanto, a deter activistas dos direitos humanos. Nesta entrevista, Inês Amaral, investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, activista que acompanha de perto a situação angolana, diz que “a oposição está a fazer aquilo que pode fazer” e que o “maior teste ao regime serão as eleições de 2027”.

O Governo angolano está a aproveitar as manifestações, na sequência do aumento do preço da gasolina, para perseguir activistas e adversários políticos? Quem são estes mais de 1200 detidos?

Na zona de Luanda, moram cerca

de dez milhões e não há dez milhões de pessoas a pilhar. Há pessoas comuns presas, mas também há activistas. Há pessoas que já foram presas ainda antes de começar esta onda grande de detenções nos últimos dias. Mas não creio que, neste preciso momento, estejam presos adversários políticos.

Estas manifestações surgiram espontaneamente. Mas, mesmo assim, os activistas estão a ser o bode expiatório. O Governo está a aproveitar a conjuntura para controlar opiniões contrárias ao regime?

Conseguimos perceber que algumas pessoas têm voz, não só dentro do país, como fora dele, sobretudo com

recurso às redes sociais, porque estas têm uma importância grande neste contexto. Há activistas que têm voz junto da opinião pública, não porque tenham uma agência política específica contra o regime, mas sim porque têm causas muito simples e objectivas, que são a promoção dos direitos humanos e tudo o que isso envolve. Por exemplo, Osvaldo Caholo foi preso ainda antes de começarem os protestos desta semana. Estas pessoas podem ser, de alguma forma, um bode expiatório. Mas eu diria que talvez possam ser — e não é, de facto, o meu lugar de fala e, portanto, é a interpretação que eu faço — usadas como exemplo, para atemorizar as pessoas porque, afinal, até elas, que são corajosas, também são detidas e travadas.

Os activistas, através das redes sociais, conseguem ter uma influência que pode competir até com a própria influência da oposição política?

Eu não diria competir, porque as pessoas que estão a fazer activismo não o fazem à espera de voto. Mas o papel



que os activistas têm é imenso. As pessoas começam a associar-se, mesmo que não se conheçam, a partir dos eventos e, portanto, querem perceber o que é que se está a passar. E basta que alguém divulgue um vídeo para a dimensão viral ser muito extensa, como aconteceu com o vídeo de uma mulher baleada pelas costas num bairro. Toda a gente viu. As redes podem maximizar o que está a acontecer agora, informação em bruto, para a qual não temos contexto muitas vezes. Naquele caso, não precisamos de contexto: é uma mulher que é assassinada. No caso do Osvaldo Caholo, ele fez um vídeo em directo a convocar pessoas para uma manifestação pacífica e foi acusado de incentivar à violência.

Há alguma semelhança entre o que se passa em Angola e Moçambique?

Não. Vejo semelhança num ponto, que é o pior de todos: o facto de as pessoas morrerem à fonte. É assustador ver o vídeo da mulher assassinada pelas costas. Esta é a realidade de milhões de pessoas. As pessoas vivem assim. Muitas das pessoas estão a roubar comida. Estão a roubar electrodomésticos que não têm. Ocasionalmente, alguém vai roubar roupa ou uma coisa do género. Mas o que as pessoas estão a assaltar são os supermercados. As pessoas estão fartas e há momentos em que a população explode.

Pode surgir um Venâncio Mondlane em Angola?

Não acho que exista uma figura similar ao Venâncio Mondlane. Angola tem muitas figuras da sociedade civil, activistas e não activistas, com capacidade do ponto de vista político, para agregar a população, mas há, depois, aquilo que também acontece em Moçambique: a repressão imensa da máquina estatal.

A oposição pode ou quer aproveitar-se desta situação para ganhar espaço político.

Não sei se aproveitar será a expressão. O que eu tenho visto são apelos à calma. O Presidente João Lourenço ainda não falou. Há apenas declarações do ministro Manuel Homem e um comunicado do MPLA. As figuras da oposição têm estado a fazer aquilo que, aparentemente, será o papel delas num momento de tumultos e de repressão policial monstruosa. A oposição está a fazer aquilo que pode fazer. O maior teste ao regime serão as eleições de 2027.